

OS MEIOS DE GRAÇA

“Vós vos apartastes de minhas ordenanças e não as guardastes”.

(Malaquias 3.7)

I

1. EXISTEM, de fato, agora, - após terem sido a vida e a imortalidade traduzidos à luz pelo Evangelho, - quaisquer ordenanças? Há, sob a dispensação cristã, *meios ordenados* por Deus, como canais ordinários de sua graça? Esta questão jamais teria sido levantada na Igreja apostólica, a não ser que o fosse por alguém que abertamente se confessasse pagão, já que toda a Cristandade concordava com o fato de ter Cristo estabelecido certos meios exteriores; para por meio deles comunicar sua graça à alma dos homens. Sua prática constante colocou este ponto fora de qualquer contestação; uma vez que “todos os que criam estavam juntos e tinham todas as coisas em comum” (At 2.44), “eles perseveravam na doutrina dos apóstolos, e no partir do pão, e nas orações” (versículo 42).

2. Mas, com o correr do tempo, quando “o amor de muitos se esfriou”, alguns começaram a tomar os *meios* como *fim* e a colocar a religião, menos na posse de um coração renovado segundo a imagem de Deus, do que na prática daqueles atos exteriores. Esqueceram-se de que “o fim de” todo “mandamento é o amor, partindo de um coração puro”, com “fé não fingida”, amando ao Senhor seu Deus de todo o seu coração e ao próximo como a si mesmo, e sendo purificado do orgulho, da ira e do mau desejo por uma “fé que é operada por Deus”. Outros parece imaginaram que, embora a religião não consista propriamente daqueles meios exteriores, neles há, todavia, qualquer coisa em que Deus se agrada, alguma coisa que faria os homens aceitáveis à sua vista, embora não fossem escrupulosos na guarda exata dos mandamentos mais importantes da lei, - a justiça, a misericórdia e o amor de Deus.

3. É verdade que, em relação aos que assim abusam dos meios de graça, estes não preenchem os fins para que foram instituídos: pelo contrário, as coisas que deveriam conduzir a seu maior vigor espiritual, se tornam em ocasião de tropeço, de modo que, longe de receberem qualquer benção através desses meios, somente atraem maldição sobre sua cabeça; em lugar de crescerem mais celestialmente em coração e vida, tornam-se duas vezes mais dignos do inferno do que o eram dantes. Outros, percebendo claramente que esses meios não comunicam aos filhos do diabo a graça de Deus, tiram do caso particular a conclusão geral de que – tais meios não são, de modo nenhum, canais comunicantes da graça de Deus.

4. Conquanto seja o número dos que *abusam* das ordenanças de Deus maior do que o dos que as *desprezam*, entre estes últimos se contam pessoas não só de grande entendimento (unido, algumas vezes, a considerável erudição), mas que também parecem homens de coração, experimentalmente identificados com a verdadeira religião interior. Alguns foram luminares acesos e brilhantes, pessoas famosas em sua geração, que bem serviram à Igreja de Cristo, permanecendo na trincheira e dando rude combate à invasão da impiedade.

Não se pode supor que esses homens santos e veneráveis pretendessem, de início, outra coisa, senão mostrar que a religião exterior de nada vale, quando desacompanhada da religião do coração; que “Deus é Espírito, e em espírito e verdade é que devem prestar-lhe culto aqueles que o cultuam”; que, assim sendo, o culto externo é trabalho perdido, sem um coração devotado a Deus; que as ordenanças exteriores de Deus aproveitam muito, quando aumentam a santidade interior; mas, não produzindo tal resultado, são inúteis e vãs, ao piores de que a vaidade; e, mais: quando usadas, por assim dizer, *em lugar* da vaidade, são completa abominação à vista do Senhor.

5. Não é, pois, de estranhar, que alguns desses homens, convencidos profundamente dessa horrível profanação das ordenanças de Deus, que se tem generalizado em toda a Igreja e mais ou menos excluído do mundo a verdadeira religião, - falem, movidos de ardente zelo pela glória de Deus e pelo livramento das almas da ilusão fatal, em termos tais que colocam a religião exterior como sendo absolutamente nada, como se não tivesse lugar na religião de Cristo. De modo algum surpreende que eles nem sempre se

expressem com suficiente prudência, evitando que ouvintes levianos sejam levados a crer que esses ensinadores condenem todos os meios exteriores da graça, tanto por serem inúteis, como por não terem sido estabelecidos por Deus como canais ordinários de comunicação de suas graças à alma humana. Além disto, não é impossível que afinal alguns dentre esses santos homens creiam, como tem acontecido, na justeza dessa opinião, principalmente no caso daqueles que, não por deliberação pessoal, mas pela Providência de Deus, sentiram-se privados de todas essas ordenanças, talvez errantes, não tendo morada certa, habitando em covas e cavernas da terra. Esses homens, experimentando em si mesmos a graça de Deus, embora estivessem privados de todos os meios exteriores, seriam levados a inferir que a mesma graça se comunicaria aos que, de propósito deliberado, se abstivessem deles.

6. A experiência nos mostra quão facilmente essa noção se espalha e se insinua na mente dos homens, especialmente daqueles que foram intensamente despertados do sono da morte, começando a sentir que o peso de seus pecados constitui um fardo duro de suportar. Esses comumente se impacientam com seu presente estado; e, tentando todos os meios de fugir a ele, estão sempre prontos a abraçar qualquer novo alvitre de descanso ou felicidade. Naturalmente experimentaram muitos meios exteriores e neles não encontraram repouso; pode ser que tenham somente achado crescente remorso, temor, tristeza e condenação. É fácil, portanto, persuadir a esses tais de que é melhor absterem-se de todos aqueles meios. Eles já estão cansados de lutar, (como parece), em vão, de trabalharem para o fogo; assim, acolhem com júbilo qualquer sugestão que ao mesmo tempo libere sua alma daquilo em que ela não tem prazer, dispense-os do labor penoso e os mergulhe em preguiçosa inatividade.

II

1. No discurso que se segue proponho-me examinar mais minuciosamente se há quaisquer meios de graça. Por “meios de graça” entendo os sinais exteriores, palavras ou ações, ordenados por Deus, e designados para esse fim, para serem canais ordinários pelos quais Ele comunica aos homens a graça preventiva, justificadora e santificante.

Uso a expressão – “meios de graça” – porque não conheço outra melhor e porque ela tem sido geralmente usada na Igreja Cristã através de muitas gerações, em particular por nossa própria Igreja, que nos dirige no louvor de Deus pelos meios de graça e pela esperança da glória, ensinando-nos também que o sacramento é “o sinal exterior de uma graça interior, e um meio pelo qual recebemos a mesma graça. Os principais desses meios são a oração, seja secreta ou juntamente com a congregação; o estudo das Escrituras (que compreende a leitura, audição e meditação delas); e a participação da Ceia do Senhor, comendo o pão e bebendo o vinho em memória de Cristo: cremos que tais meios foram ordenados por Deus, como canais ordinários pelos quais Ele comunica sua graça à alma dos homens.

2. Confessamos, porém, que todo o valor dos meios depende de sua sujeição ao fim religioso; que, conseqüentemente, todos esses meios, separados de seus fins, são menos que coisa alguma e vaidade; que, se eles não levam ao conhecimento a ao amor de Deus, deixam de ser aceitáveis à sua vista, tornando-se, antes, em abominação diante do Senhor e nauseabundo a seu olfato: Ele se enfada de os suportar. Acima de tudo, se forem usados como uma espécie de *comutação* pela religião a que são destinados a servir, não é fácil encontrar palavras que definam a enorme loucura e iniquidade dos que assim voltam contra Deus as suas próprias armas, afastando do coração o Cristianismo pelos próprios meios que foram instituídos para trazê-lo ao coração.

3. Igualmente confessamos que todos os meios exteriores, quaisquer que sejam, se apartados do Espírito Santo, de modo algum podem ser de proveito, não conduzindo, de forma alguma, nem ao conhecimento, nem ao amor de Deus. Sem contestação, o auxílio dado sobre a terra é Deus quem no-lo dá. Somente Ele opera em nós, por seu ilimitado poder, aquilo que é agradável à sua vista; e todas as coisas exteriores, a não ser que o Senhor opere nelas e por elas, são simples elementos fracos e fantasiosos. Quem quer, pois, que imagine haver algum poder intrínseco em não importa que meios, erra completamente, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus. Sabemos que nenhum poder inerente existe nas palavras pronunciadas na oração, na letra lida nas Escrituras, no som dos vocábulos da Escritura percebido pelos que ouvem, ou no pão e no vinho recebidos na Ceia do Senhor, mas que só Deus é o Doador da toda a boa dádiva, o Autor de toda a graça: visto que todo poder lhe pertence, por esse poder, e através de qualquer

dos meios, haverá uma benção comunicada às nossas almas. Sabemos, do mesmo modo, que Deus seria capaz de conceber a mesma graça, embora não houvesse meios sobre a face da terra. Neste sentido podemos afirmar que, do ponto de vista de Deus, não existe aquilo a que chamamos meios, uma vez que Ele é igualmente capaz de operar o que lhe aprouver, por algum meio sem meio algum.

4. Confessamos, ainda mais, que o uso de todos os meios nunca fará propiciação por um pecado sequer; que é apenas pelo sangue de Cristo que qualquer pecador pode ser reconciliado com Deus, não existindo nenhuma outra propiciação por nossos pecados, nenhuma outra fonte que lave o pecado e a impureza.

Todo crente em Cristo está profundamente convencido de que nenhum mérito existe senão nele; que nenhum mérito existe em qualquer obra humana, nem no atender às orações, ou pesquisar as Escrituras, ou ouvir a Palavra de Deus, ou come aquele pão ou beber daquele cálice. Assim é que, se pela expressão de que alguns têm usado: — “Cristo é o único meio de graça” — não se entender mais do que — Ele é a causa única meritória da graça, — não pode haver desmentido da parte de ninguém que conheça a graça de Deus.

5. Confessamos uma vez mais, embora se trate de verdade triste, que um vasto número dos que se chamam cristãos até este dia abusa dos meios de graça, para perdição de sua alma. Este é indubitavelmente o caso daqueles que se contentam com a forma de piedade, sem seu poder, quer apaixonadamente pretendam ser já cristãos, porque fazem isso ou aquilo, embora Cristo jamais se tenha revelado a seus corações, nem jamais tenha sido o amor de Deus derramado neles, - quer suponham que serão infalivelmente cristãos, meramente porque usam desses meios, ociosamente sonhando (talvez tendo a custo consciência disto), que haja qualquer parcela de *poder* nesses meios, graças ao qual, mais cedo ou mais tarde (não sabem quando), serão certamente santificados, ou que haja uma espécie de *mérito* no uso desses meios, *mérito* que levará o Senhor a lhes dar santidade, ou aceitá-los sem ela.

6. Tampouco compreendem o grande fundamento de todo o edifício cristão: — “Pela graça sois salvos”: sois salvos de vossos pecados, da culpa e do poder do pecado; sois restaurados no favor de Deus e renovados segundo sua imagem, não por quaisquer obras, méritos ou merecimentos que tenhais, mas pela livre graça, pela simples misericórdia de Deus, pelos méritos de seu Filho Bem-amado: sois salvos, não por qualquer poder, sabedoria ou força que haja em vós, ou em qualquer outra criatura, mas simplesmente através da graça ou poder do Espírito Santo, que opera tudo em todas as coisas.

7. Mas a questão principal permanece: “Sabemos que essa salvação é dádiva e obra de Deus; como, porém, (pode dizer alguém que esteja convencido de que a não possui), posso alcançá-la?” Se disseres: “Crê, e serás salvo!”, ele responderá: “É verdade; como, porém, crerei?” Replicas: “Espera em Deus”. “Bem; mas, como deverei esperar?” “Nos meios de graça ou fora deles? Devo esperar pela graça de Deus que traz a salvação, usando desses meios ou pondo-os de lado?”

8. Não é possível conceber-se que a Palavra de Deus não forneça direções em ponto tão importante, ou que o Filho de Deus, descendo dos céus por nós, homens, e para nossa salvação, deixasse-nos às escuras sobre o assunto em que nossa salvação está tão estreitamente empenhada.

De fato, Ele não nos deixou na incerteza, mas, ao contrário, mostrou-nos o caminho por onde devemos seguir. Temos apenas de consultar os Oráculos de Deus, investigar o que ali se acha escrito; e, se nos conduzirmos somente segundo sua direção, não haverá possibilidade de que em nós perdure qualquer dúvida.

III

1. Segundo a decisão do Sagrado Escrito, todos os que desejam a graça de Deus devem esperar por ela através dos meios ordenados por Deus, usando-os e não os deixando à margem.

E, primeiro, todos os que desejam a graça de Deus devem esperar por ela na prática da oração. Esta é a expressa orientação dada pelo próprio Senhor nosso. Em seu Sermão do Monte, depois de haver explanado com abundância em que consiste a religião e seus aspectos principais, acrescenta: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis, batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, acha; e a quem bate, abrir-se-lhe-á” (Mt 7.7,8). Por estas palavras somos incitados, de modo mais frisante, a pedir, para que recebamos ou como meio de recebermos; a buscar, para que achemos a graça de Deus, a pérola de grande preço; e a bater, a continuar pedindo e buscando, se quisermos entrar em seu Reino.

2. Para que nenhuma dúvida pudesse subsistir, nosso Senhor fere esse ponto da maneira mais incisiva, apelando para o próprio coração do homem: “Qual de vós dará a seu filho uma pedra, se ele lhe pedir pão? Ou uma serpente, se pedir peixe? Ora, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai celestial”, o Pai de anjos e homens, o Pai dos espíritos de toda carne, “dará boas coisas aos que lhas pedirem?” (versículos 9-11). Ou, como Jesus se expressa em outra ocasião, reunindo numa só todas as coisas excelentes: “Quanto mais vosso Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” (Lc 11.13). Dever-se-ia observar particularmente aqui que as pessoas incitadas a pedir não tinham até então recebido o Espírito Santo; não obstante, nosso Senhor as exortava a que usem desse meio, e promete que ele seria eficaz; promete que, pedindo, receberiam o Espírito Santo da parte daquele cuja misericórdia está sobre todas as suas obras.

3. A necessidade absoluta de usar deste meio, se quisermos receber algum dom de Deus, ressalta ainda mais da notável passagem que imediatamente precede àquelas palavras: “E Ele lhes disse”, exatamente quando ensinava a orar: “Se um de vós tiver um amigo e for procurá-lo à meia noite e lhe disser: Amigo, empresta-me três pães, porque um amigo meu acaba de chegar de uma viagem à minha casa, e nada tenho para lhe oferecer; e se do interior o outro lhe responder: não me incomodes; não posso levantar-me para tos dar. Digo-vos: embora não se levante para lhos dar ser seu amigo, ao menos por causa de sua importunação se levantará e lhe dará quantos pães precisar. E eu vos digo: pedi, e dar-se-vos-á” (Lc 11.5,7,9). “Embora não se levante para lhos dar por seu amigo, ao menos por causa de sua importunação se levantará e lhe dará tudo que necessitar”. Como poderia nosso bendito Senhor declarar de modo mais claro, que podemos receber de Deus, por este meio, ou seja, pela solicitação importuna, aquilo que de outro modo não receberíamos de forma alguma?

4. “Ele propôs também outra parábola, para o fim de mostrar que os homens deveriam orar sempre e não desanimar” até que, através desse meio, pudessem receber de Deus toda a petição que fizessem: “Havia em certa cidade um juiz, que não temia a Deus, nem respeitava os homens. Havia também naquela mesma cidade uma viúva que vinha constantemente ter com ele, dizendo: defende-me do meu adversário. Ele por algum tempo não a queria atender; mas depois disse consigo: Se bem que eu não tema a Deus, nem respeite os homens, todavia, como esta viúva me incomoda, julgarei a sua causa, para que ela não continue a molestar-me com as suas visitas”. (Lc 18.1-5). A aplicação desta parábola fê-la o próprio Senhor: “Ouvi o que disse do juiz iníquo!” Porque ela continua a pedir, porque não aceitará escusas, eu julgarei sua causa. “E Deus não fará justiça a seus escolhidos, que a Ele clamam dia e noite? Digo-vos que bem depressa lhes fará justiça”, se eles orarem e não se cansarem.

5. Igual ensino, claro e preciso, no tocante à espera das bênçãos de Deus através da oração privada, com a promessa categórica de que, por esse meio, obteremos a rogativa de nossos lábios, deu-nos o Senhor naquelas bem conhecidas palavras: “entra no teu quarto e, fechada a porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te retribuirá”. (Mt 6.6).

6. Se fosse possível que qualquer direção se fizesse mais clara, teríamos ainda a que nos foi dada pelo apóstolo, a respeito da oração de qualquer espécie, seja pública ou particular, e a benção a ela anexada: “Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que dá a todos liberalmente”, se eles pedirem; de outra sorte “não tendes”, “porque não pedis”. Deus “não impropera” e “ser-lhe-á dado”. (Tg 1.5; 4.2). Se se objetar: “Mas esta não é uma direção dada a incrédulos, aos que não conhecem a graça perdoadora de Deus, porque o apóstolo acrescenta: *Peça-a, porém, com fé; de outro modo, não pense o tal que receberá do Senhor alguma coisa*”.

Respondo: a significação da palavra *fé*, neste lugar, foi fixada pelo próprio apóstolo, no propósito, por assim dizer, de aparar tal objeção, nas expressões que imediatamente se seguem: “Peça com fé, nada duvidando” – nada duvidando, mhden diakrinomenoV: não duvidando de que Deus ouça sua oração e cumpra o desejo de sua alma. O grande e blasfemo absurdo de supor que a palavra *fé*, neste lugar, possa tomar-se na plena significação cristã, resulta disto: pressupor que o Espírito Santo encoraje o homem, que ele sabe não ter essa fé (que é aí chamada *sabedoria*), e pedi-la a Deus, com a promessa categórica de que lhe “será dada”, e imediatamente depois acrescentar “que ela não lhe será dada”, a não ser que a possua antes de pedir! Mas, quem pode nutrir uma tal suposição? Desta Escritura, como das demais acima

citadas, devemos inferir que todos os que desejam a graça de Deus devem esperar por ela em oração.

7. Em segundo lugar, todos os que desejam a graça de Deus devem esperar por ela, investigando as Escrituras.

As direções de nosso Senhor, em relação ao uso desse meio, são do mesmo modo claras e precisas. “Examinai as Escrituras” – disse ele aos judeus incrédulos – “porque elas dão testemunho de mim” (Jo 5.39). Cristo os incitou à pesquisa das Escrituras exatamente em este propósito, isto é para que pudessem crer nele.

A objeção segundo a qual “não se trata aí de um mandamento, mas somente de uma alusão ao fato de eles examinarem as Escrituras” é clamorosamente falsa. Desejo que os que assim pensam nos digam como pode um mandamento ser mais claramente expresso do que o foi naqueles termos: Eraunate taV UrafaV? E tão perentório como as próprias palavras podem sê-lo.

Que a benção de Deus acompanha o uso desse meio, ressalta do que está escrito acerca dos Bereanos, que, após ouvirem a S. Paulo, “investigavam diariamente as Escrituras, verificando se aquelas coisas eram assim. Por isso muitos deles criam”, encontrando a graça de Deus no caminho que Ele havia proposto (At 17.11,12).

É provável, na verdade, que, no tocante a alguns dos que “receberam a palavra com avidez”, a “fé lhes viesse”, como diz o mesmo apóstolo, “pelo ouvido”, sendo apenas confirmada pelo exame das Escrituras; mas já foi observado acima que, sob a expressão genérica de *examinar as Escrituras*, tanto se pode entender a leitura, como a audição e a meditação de Palavra.

8. E que este seja um meio de graça pelo qual Deus não apenas concede, mas ainda confirma e aumenta a verdadeira sabedoria, aprendemo-lo das palavras de S. Paulo e Timóteo: “Desde a meninice tu sabes as Sagradas Letras, que são capazes de fazer-te sábio para a salvação, mediante a fé que há em Cristo Jesus” (2Tm 3.15). A mesma verdade, isto é, a verdade de ser este um grande meio que Deus ordenou para comunicar ao homem sua graça multiforme, é revelada, da maneira mais clara que se possa conceber, nas palavras que imediatamente se seguem: “Toda Escritura divinamente inspirada”, isto é, toda Escritura infalivelmente verdadeira, “é também útil para ensinar, para repreender, para corrigir e para instruir na justiça”, para que “o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente preparado para toda a boa obra” (versículos 16 e 17).

9. Observar-se-á que isso foi inicialmente, diretamente dito das Escrituras que Timóteo desde a infância tinha aprendido, as quais devem ter sido as do Velho Testamento, porque o Novo ainda não tinha sido escrito. Quão longe estava S. Paulo (embora ele “não fosse em nada inferior aos principais dentre os apóstolos”, nem, como presumo, inferior a qualquer homem existente sobre a terra), de fazer pouco caso do Velho Testamento! Guardai-vos disto, para que não suceda que algum dia vos “maravilheis e pereçais”, vós que em tão baixa conta tendes metade dos Oráculos de Deus! Sim, e aquela metade da qual o Espírito Santo expressamente diz ser “proveitosa” como meio ordenado por Deus exatamente para “ensinar, repreender, corrigir e instrui na justiça”, para o fim de “ser o homem perfeito e perfeitamente preparado para toda a boa Obra”!

10. Nem é proveitosa somente aos homens de Deus, àqueles que já andam à luz de sua faca, mas também àqueles que ainda estão nas trevas, buscando ao que não conhecem. Assim diz também S. Pedro: “Temos ainda mais segura a palavra dos profetas”, literalmente E nós temos a palavra profética mais segura - Kai ecomen Bebaioieron ton profhtikon logon; confirmada pelo fato de sermos “testemunhas visuais de sua majestade” e tendo “ouvido a voz que veio da excelente glória”, “para qual” (palavra profética), “fazeis bem de atentar, como para uma candeia que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça e a estrela da lava surja em vossos corações” (2Pd 1.19). Que todo aquele que deseja que esse dia clareie em seu coração, por ele espere através da investigação das Escrituras.

11. Em terceiro lugar, todos que desejam crescer na graça de Deus, devem esperar por isto, participando da Ceia do Senhor, pois que também esta é a orientação dada por Ele: “Na mesma noite em que foi traído, Ele tomou o pão e partiu-o, dizendo: Tomai e comei; este é o meu corpo”, isto é, o símbolo sagrado de meu corpo; “fazei isto em memória de mim”. Do mesmo modo Ele “tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue”, o sinal sagrado desse novo testamento ou pacto: “fazei isto em

memória de mim. Pois todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes do cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha” (1Co 11.23ss): abertamente exibireis o mesmo sacrifício, por aqueles sinais visíveis, diante de Deus, anjos e homens; manifestareis vossa lembrança solene de sua morte, até que Ele venha nas nuvens do céu. Somente “prove-se”, primeiro, “o homem a si mesmo” e veja se compreende a natureza e o desígnio dessa santa instituição, e se realmente deseja conformar-se à morte de Cristo; assim, nada duvidando, “coma aquele pão e beba aquele cálice” (versículo 28).

Temos, pois, que a primitiva direção dada por nosso Senhor é expressamente repetida pelo apóstolo: “coma, beba”; (esqietw pinetw, ambos do imperativo), palavras que não foram empregadas em sentido meramente permissivo, mas no caráter de mandamento claro e explícito; mandamento dirigido a todos os que já estejam cheios de paz e alegria na fé, ou que possam verdadeiramente dizer: “a lembrança de nossos pecados nos é dolorosa, o peso deles nos é intolerável”.

12. E que esse também seja um meio ordinário, autorizado, através do qual se recebe a graça de Deus, é evidente das palavras do apóstolo que ocorrem no capítulo precedente: “O cálice de bênção que abençoamos não é a comunhão”, ou *comunicação* “do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? (1Co 10.16). O comer aquele pão e o beber aquele cálice não constituem meios exteriores, visíveis, através dos quais Deus comunica a nossas almas toda a graça espiritual, a justiça, a paz e o gozo no Espírito Santo, que foram adquiridos pelo corpo de Cristo, uma vez quebrado, e pelo seu sangue, uma vez derramado por nós? Comam, pois, do pão e bebam do cálice, todos os que verdadeiramente desejam a graça de Deus.

IV

1. Mas, apesar de haver o Senhor tão claramente apontado ou meios através dos quais Ele deverá ser procurado, inumeráveis são as objeções que certos homens, sábios a seus próprios olhos, têm, de tempo em tempo, argüido contra eles. Pode ser de utilidade a consideração de algumas delas, não porque tenham valor em si mesmas, mas porque têm sido usadas com freqüência, especialmente nos últimos anos, no intuito de fazer que o estropeado erre o caminho; para perturbar e subverter os que corriam bem, até o próprio Satanás se transforma em anjo de luz.

A primeira e principal objeção é esta: “Não podeis usar esses meios de graça (como os denominais), sem *confiar* neles”. Rogo que me indiqueis onde isto se acha registrado. Espero que me mostreis alguma passagem clara das Escrituras em abono dessa asserção; do contrário não a receberei, porque não estou convencido de que sois mais sábios do que Deus. Se realmente fosse como dizeis, por certo que Cristo havia de sabê-lo; se o soubesse, seguramente nos teria prevenido, tê-lo-ia revelado há muito tempo. Por esta razão, porque não o fez, porque não há nenhum vestígio de semelhante teoria em parte alguma da Revelação de Jesus Cristo, estou tão perfeitamente certo de que é falsa vossa asserção, quanto o estou de que procede de Deus aquela Revelação.

“Entretanto, põe-nos de parte por um curto prazo, e verás se nele confias, ou não”. Assim, devo desobedecer a Deus para saber se confio na obediência a Ele! E ainda formulais um tal conselho? Ensinais deliberadamente a “fazer o mal, para que venha o bem?” Oh! Tremei em face da sentença de Deus contra tais mestres! Sua “condenação é justa”.

“Pois bem: se ficas conturbado quando pões de parte os meios de graça, é claro que neles confias”. Nem tanto. Se fico triste quando voluntariamente desobedeço a Deus, é claro que seu Espírito ainda está lutando comigo; mas, se a prática voluntária do pecado não me perturba, claro é que me encontro entregue à reprovação. Mas, que entendeis pela expressão “confiar neles”? Esperar pelas bênçãos de Deus através deles? Acreditar que, procurando esse caminho, alcançarei o que de outro modo não obteria? Assim procedo. E isso farei, auxiliando-me Deus, até o fim de minha vida. Pela graça de Deus *assim* confiarei nos meios de graça até o dia da morte, isto é, creerei que aquilo que Deus prometeu, Ele é bastante fiel para cumprir. Visto que Deus prometeu abençoar-me por esse meio, *confio* em que sucederá segundo sua palavra.

2. Objeta-se, em segundo lugar, que “Isto é procurar a salvação pelas obras”. Conheceis a expressão que empregais? Que é *procurar a salvação pelas obras*? Nos escritos de S. Paulo significa procurar ser salvo pela observância das obras rituais da lei mosaica, ou esperar a salvação em atenção às nossas próprias

obras, ou pelos méritos de nossa própria justiça. Que existe de parecido com isto no fato de eu permanecer no caminho que Deus ordenou, esperando que nele me encontre o Senhor, já que Ele prometeu fazê-lo?

Espero que Ele cumpra sua palavra, que me encontre e abençoe nesse caminho. Não por amor de quaisquer obras, que não as tenho; nem pelos méritos de minha justiça, que é nula; mas exclusivamente pelos merecimentos, sofrimentos e amor de seu Filho, em que Ele sempre se compraz.

3. Objeta-se com veemência, em terceiro lugar, que “Cristo é o único meio de graça”. Respondo: isto é simples jogo de palavras. Analisai vossa expressão e a objeção logo se esvairá. Quando dizemos que “a oração é um meio de graça”, entendemos que ela seja um canal através do qual a graça de Deus se comunica. Quando dizeis que “Cristo é o único meio de graça”, entendeis ser Cristo o único preço e o adquirente dessa graça, ou que “ninguém vem ao Pai senão por Ele”. E quem o nega? Isto é, porém, inteiramente destituído de dúvida.

4. “Mas a Escritura”, objeta-se, em quarto lugar, “não nos exorta a esperar pela salvação? Não diz Davi: *Minha alma espera em Deus, porque dele vem minha salvação?* E a mesma coisa não no-lo ensina Isaias, dizendo: *ó Senhor, temos esperado por ti?*” Nada disso pode ser negado. Visto que a salvação é dádiva de Deus, nele indubitavelmente devemos esperar. Como devemos, entretanto, esperar? Se o próprio Deus indicou o meio, podemos nós descobrir um melhor processo de expectação? Que Ele tenha indicado meios, já se mostrou com abundância de provas, o mesmo se verificando acerca de quais sejam esses meios. As próprias palavras do profeta, que citais, colocam o assunto fora de qualquer discussão, pois que a sentença completa assim se enuncia: No caminho de teus juízos”, ou ordenanças, “ó Senhor, temos esperado por ti”. (Is 26.8). E a mesma coisa, no mesmo caminho, espera Davi, como abundantemente o testificam suas próprias palavras: “Tenho esperado por tua graça salutar, ó Senhor, e tenho guardado tua lei. Ensina-me, ó Senhor, o caminho de teus estatutos, e eu os guardarei até o fim”.

5. “Sim, - dizem alguns – mas Deus indicou outro caminho: *Repousai, e vede a salvação de Deus*”. Examinemos as Escrituras a que vos referis.

A primeira delas, com seu contexto, diz assim: “E como Faraó se avizinhasse, levantando os filhos de Israel os olhos, viram os egípcios nas suas costas: e ficaram passados de medo: e clamaram ao Senhor. E disseram a Moisés: talvez não houvesse sepulturas no Egito, e por isso nos tirastes de lá, para morrermos neste deserto. E Moisés disse ao povo: Não temais, permaneci firmes, e vereis a salvação do Senhor. E o Senhor disse a Moisés: Dize aos filhos de Israel que marchem. E tu levantas o teu cajado, e estende a tua mão sobre o mar, e divide-o, para que os filhos de Israel caminhem em seco pelo meio do mar”. (Êx 14.10ss) Esta era a *salvação de Deus*, que eles *esperavam ver, avançando* com todas as suas forças. A outra passagem em que ocorre aquela expressão é a seguinte: “E vieram mensageiros e avisaram a Josafá, dizendo: Eis que aí vem contra ti uma grande multidão daqueles lugares que estão da banda do além do mar. E Josafá, passado de medo, se aplicou inteiramente a rodar ao Senhor, e fez publicar um jejum em todo o Judá. E Judá se ajuntou para implorar o Senhor: e até todos saíram das suas cidades para lhe fazerem rogativas. E Josafá se pôs de pé no meio da congregação, na casa do Senhor. – Então sobre Jehaziel veio o Espírito do Senhor, e disse: Não vos assusteis, nem tendes medo dessa grande multidão. Amanhã ireis contra eles, e não tereis necessidade de combater nessa batalha. Tende confiança e vereis a salvação do Senhor. E levantando-se pela manhã, marcharam. E tendo eles começado a cantar louvores, o Senhor revirou as ciladas dos inimigos contra si mesmos, isto é, os desígnios dos filhos de Amon, e de Moab, e dos montanhese de Seir. E uns aos outros se deram cabo às cutiladas”. (2Cr 20.2ss). Tal foi a salvação que os filhos de Judá viram. De que maneira podem essas coisas provar que não devamos esperar pela graça de Deus, através dos meios que Ele ordenou?

6. Somente mais uma objeção ainda mencionaremos, a qual, na verdade, não pertence propriamente a este assunto: entretanto, porque tem sido tão freqüentemente levantada, não se pode de todo deixá-la à margem.

“Não diz S. Paulo: *Se morrestes com Cristo, pó que vos sujeitais às ordenanças?* (Cl 2.20). Logo, o cristão, que morreu com Cristo, não mais tem necessidade de usar as ordenanças”.

Assim sendo, tireis a seguinte inferência: “Se sou cristão, não estou sujeito às ordenanças de Cristo!” Evidentemente, pelo absurdo da conclusão, podeis ver de relance que as ordenanças ali mencionadas não podem ser as ordenanças de Cristo: são, ao revés, e necessariamente, as ordenanças judaicas, às quais é certo que o cristão já não está sujeito. A mesma irrecusabilidade transparece das palavras que imediatamente se seguem: “Não toqueis, nem proveis, nem manuseeis semelhantes coisas”, tudo evidentemente se referindo às antigas ordenanças da lei judaica.

Deste modo essa objeção vem a ser a mais fraca de todas. A despeito de tudo, aquela grande verdade permanece inabalável, de modo que todos os que desejam a graça de Deus, devem esperar por ela na observância dos meios que Ele ordenou.

V

1. Estabelecido este ponto, isto é, que todos os que desejam a graça de Deus devem esperar por ela na observância dos meios que Ele ordenou, pode-se perguntar ainda: Como devem ser usados esses meios, isto é, qual a ordem e qual a maneira de usá-los?

Em relação à ordem, observamos que há certa regra, segundo a qual é, geralmente, do agrado de Deus usar desses meios para levar os pecadores à salvação. O estúpido, o insensato, o desgraçado pecador vai seguindo seu caminho, não tendo a Deus em seus pensamentos, — quando, de surpresa, Deus vem ao seu encontro, talvez por meio de um sermão ou de uma conversa que desperta, talvez por uma terrível providência, ou pode ser que por meio de um toque imediato de seu Espírito esclarecedor, absolutamente sem nenhum meio externo. Tendo agora vivo desejo de fugir à ira vindoura, deliberadamente vai ouvir a Palavra, de modo que lhe for dado fazê-lo. E encontra um pregador que fale ao coração, ele se espanta e começa a investigar nas Escrituras se essas coisas são assim. Quanto mais ouve e lê, mais convencido se torna, e mais intensamente medita essa Palavra dia e noite. Talvez encontre algum outro livro que explique e corrobore o que ele ouve e lê nas Escrituras. E por todos esses meios, os dardos da convicção penetram-lhe fundamente na alma. Começa também a *falar* das coisas de Deus, que dominam seus pensamentos, sim, e a falar com Deus, e orar a Deus, embora, de medo e de vergonha, mal sabia o que dizer. Mas, quer fale ou não, nada pode fazer senão orar, ainda que o faça somente através de “gemidos inexprimíveis”. Estando em dúvida sobre se “o Alto e Sublime, que habita a eternidade”, atentar-se para um tal pecador, deseja orar com os que conhecem a Deus, com fiéis, em meio da grande congregação. Mas aí observa que outros vão à mesa do Senhor. Ele considera: “Cristo disse: *Fazei isto!* Como é que eu não faço? Sou demasiadamente pecador! Não sou digno. Não o mereço”. Após relutar por um momento em meio daquelas idéias e daqueles escrúpulos, levanta-se e vai à mesa do Senhor. E assim continua no caminho de Deus, ouvindo, lendo, meditando, orando e participando da Ceia do Senhor, até que Deus, de modo que lhe apraz, diz a seu coração: “Tua fé te salvou. Vai em paz”.

2. Observando esta ordem seguida por Deus, aprendemos quais sejam os meios recomendados e cada alma em particular. Se algum deles consegue tocar o estulto, descuidado pecador, provavelmente é pelo ouvir, ou pela conversação. Aos tais poderíamos, pois, recomendar esses meios, no caso de não terem tido nenhum pensamento acerca da salvação. A quem comece a sentir o peso de seus pecados, não só o ouvir, mas também a leitura da Palavra de Deus, e mesmo talvez de mais alguns livros sérios, pode ser um meio de convicção mais profunda. Não deves incutir no seu espírito a necessidade de também meditar sobre o que lê, para que as verdades, e não se envergonhar delas, principalmente em meio dos que seguem o mesmo caminho? Quando a perturbação e o abatimento caem sobre ele, não seria o momento exato de exortá-lo ardentemente a que derrame sua alma perante Deus, a “orar sempre e não desfalecer?” E, sentindo o pecador a indignidade de suas próprias orações, não deves cooperar com Deus, lembrando-lhe a conveniência de subir à casa do Senhor e ali orar com todos os que temem a Deus? Se ele fizer isso, a palavra cortante de seu Senhor logo lhe acudirá à lembrança, claro sinal de ser chegado o tempo de secundares os movimentos do Divino Espírito. E assim poderemos levá-lo, passo a passo, através dos meios que Deus estabeleceu; não segundo nossa própria vontade, mas exatamente segundo a Providência e o Espírito de Deus passem à frente e preparem o caminho.

3. Não encontramos, entretanto, no Sagrado Escrito, nenhum mandamento no tocante à ordem a ser seguida, sendo certo que nem a Providência, nem o Espírito de Deus se apega invariavelmente a qualquer

meio; ao contrário, os meios pelos quais os diferentes homens têm sido levados a buscar e achar as bênçãos divinas diferem, invertem-se, combinam-se de mil modos imagináveis. Neste ponto toda nossa sabedoria consiste em seguirmos os ditames da Providência e do Espírito, em sermos guiados nesta questão (mais especialmente quanto aos meios através dos quais nós mesmos procuramos a graça de Deus), parte por sua Providência exterior, dando-nos oportunidade de usar algumas vezes de certos meios, outras vezes de outros; parte por nossa experiência, pela qual mais freqüentemente é do agrado de seu livre Espírito operar em nosso coração. Entretanto, a regra segura e geral para todo que suspira pela salvação de Deus é esta: segundo as oportunidades se apresentem, usa de todos os meios que Deus ordenou; porque, quem sabe através de qual deles virá Deus a teu encontro com a graça que traz a salvação?

4. Quanto à maneira de usar os meios de graça, maneira especial de cuja observância na verdade depende a comunicação de qualquer favor a todo aquele que o procure, importa-nos, primeiro, guardar sempre o vivo sentimento de que Deus está acima dos meios. Tenhamos cuidado em não limitarmos o Todo-poderoso. Ele opera como e quando lhe apraz, podendo comunicar sua graça através de qualquer meio ordenado – ou fora desses meios. Tudo depende de seu querer. “Quem conhece a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?” Esperai, pois, a cada momento, pela sua manifestação! Seja essa hora aquela em que estiverdes entregues à prática de suas ordenanças, seja antes ou seja depois, ou seja quando estiverdes impedidos de as observar. Ele não conhece impedimentos; está sempre pronto, sempre apto, sempre desejoso de salvar. “Ele é o Senhor; faça o que lhe parecer bem!”

Em segundo lugar, antes de usardes de qualquer meio, esteja profundamente gravado em vossa alma que – não há nenhum *poder* nesses meios. São, em si mesmos, uma coisa inócua, pobre, morta: separados de Deus, são uma folha seca, uma sombra. Nem há qualquer *mérito* no fato de eu usar desses meios: nada há que intrinsecamente agrade a Deus, nada neles há que mereça qualquer favor de suas mãos, seja sequer uma gota de água para me refrescar a língua. Mas, porque Deus manda, obedeco; porque aconselha a esperar nesse caminho, aí espero pela sua livre misericórdia, de onde vem minha salvação.

Firmai em vossos corações que o *opus operatum*, a mera *operação realizada*, de nada aproveita; que não há poder para salvar senão no Espírito de Deus, nenhum *mérito*, a não ser no sangue de Cristo; de modo que, ainda que Deus tenha estabelecido ordenanças, Ele não comunica à alma nenhuma graça, se não confiardes somente no Senhor. Por outro lado, aquele que verdadeiramente confia em Deus, não pode decair de sua graça, ainda que se veja privado de todas as ordenanças exteriores, ainda que se veja encerrado no centro da terra.

Em terceiro lugar, usando de todos os meios, buscai somente a Deus. Em tudo que é exterior e através de tudo, esperai somente no *poder* de seu Espírito e nos *méritos* de seu Filho. Guardai-vos de vos firmardes nas *obras* em si mesmas; se o fizerdes, todo vosso trabalho será em vão. Nada há que, separado de Deus, possa satisfazer vossa alma. Assim, buscai-o em tudo, através de tudo e acima de tudo.

Lembraí-vos de usar de todos os *meios como meios*, ordenados, não por sua própria finalidade, mas para renovar vossa alma na justiça e na verdadeira santidade. Se, pois, atualmente esses meios tendem para isso, muito bem; se não tendem, eles são escória e esterco.

Finalmente, depois de terdes usado de algum desses meios, tomai cuidado com a maneira por que vos congratulais convosco mesmos, como se houvéreis feito grande coisa. Tudo isso pode converter-se em veneno. Considerai: “De que valeria o que fizestes, se Deus não estivesse aí? Até quando? Ó Senhor, salva-nos, ou perecemos! Oh! Não nos imputes este pecado!” Se Deus estivesse convosco, se seu amor circulasse em vosso coração, não vos esqueceríeis, por assim dizer, das obras exteriores. Vedes, conheceis e sentis que Deus está em todas as coisas. Humilhai-vos. Ajoelhai-vos diante de Deus. Dai-lhe toda a glória. Que Deus seja glorificado em todas as coisas, por Cristo Jesus. Que todos os vossos ossos clamem: “Meu cântico será sempre a bondade do Senhor: com nossos lábios sempre divulgaremos tua verdade de uma a outra geração”!

QUESTIONÁRIO SOBRE O SERMÃO 16

- P. 1. (I. 1). Há no presente quaisquer ordenanças?
- P. 2. (I. 2). Que se segue ao resfriamento do amor?
- P. 3. (I. 3). Os meios conduzem ao fim?
- P. 4. (I. 4). Que se diz da relação entre os que abusam das ordenanças e os que as desprezam?
- P. 5. (I. 5). Qual o erro mencionado aí?
- P. 6. (I. 6). Tal erro se espalha rapidamente?
- P. 7. (II. 1). Que entendemos ser a graça?
- P. 8. (II. 2). De que depende o valor dos meios?
- P. 9. (II. 3). De que valem os meios de graça sem o Espírito Santo?
- P. 10. (II. 4). Podem os meios fazer propiciação por um só pecado?
- P. 11. (II. 5). Há muitas pessoas que deles abusam?
- P. 12. (II. 6). Compreendem elas o Evangelho?
- P. 13. (II. 7). Que se pergunta aí?
- P. 14. (II. 8). A Bíblia guarda silêncio sobre esse ponto?
- P. 15. (III. 9). Como devemos primeiro esperar pela graça de Deus?
- P. 16. (III. 2). Nosso Senhor põe em relevo esse ponto?
- P. 17. (III. 3). Como aparece tal necessidade?
- P. 18. (III. 4). Que passagem da escritura é aí citada?
- P. 19. (III. 5). Que outra passagem é citada nesse lugar?
- P. 20. (III. 6). Que se diz nos outros textos? Que sentido possuem essas passagens na doutrina de Campbell?
- P. 21. (III. 7). Qual é o segundo dever?
- P. 22. (III. 8). Os meios aumentam a verdadeira sabedoria?
- P. 23. (III. 9). Que se deveria observar?
- P. 24. (III. 10). Isso se aplica aos que estão nas trevas?
- P. 25. (III. 11). Qual é o terceiro meio de graça?
- P. 26. (III. 12). É esse um meio ordinário, ordenado? Há qualquer mandamento no sentido de se tomar a Santa Ceia todos os domingos?
- P. 27. (IV. 1). Não obstante isso, qual a primeira objeção que se faz?
- P. 28. (IV. 2). Qual é a segunda objeção?
- P. 29. (IV. 3). Qual a terceira?
- P. 30. (IV. 4). Qual a quarta?
- P. 31. (IV. 5). Qual objeção é aí mencionada?
- P. 32. (IV. 6). Qual é a última objeção?
- P. 33. (V. 1). Que pergunta se faz?
- P. 34. (V. 2). Que acontece quando a ordem de Deus se cumpre?
- P. 35. (V. 3). Há qualquer ordem particular inculcada?
- P. 36. (V. 4). Como se conclui o sermão?